

matka

Wimereu

!

1957

BAHIA

ON

MAPA

ANO 1 * NÚMERO 1

JULHO DE 1957

Associação Bahiana dos Estudantes Secundários

Ladeira de S. Bento, 24

Salvador * Bahia

SUMÁRIO

	Págs.
MAPA — Apresentação de Carvalho Filho	1
Crônica — Júlia Conceição	4
Bumba Meu Boi — Paulo Gil Soares	5
Conto — João Carlos T. Gomes	12
Ensaio Crítico — (Fernando Pessoa) — Carlos Aní- nio Melhor	15
Cinema — O Western — Uma introdução ao estudo do Gênero e do Herói — Glauber Rocha	18
A Casa do Estudante — Campanha de 26 anos — João Castelo Branco	23
Poemas de Lina Gadêlha	25
3 Elegias para a Hungria — Paulo Gil Soares	29
Dois Poemas de Silva Dultra	33
Balada — J. C. Teixeira Gomes	34
Poema de Amor — Albérico Motta	35
Trinta Minutos de Paisagem — Zilmérico Ribeiro	36
Notícias e Comentários	37

Direção da Revista:

FERNANDO DA ROCHA PERES

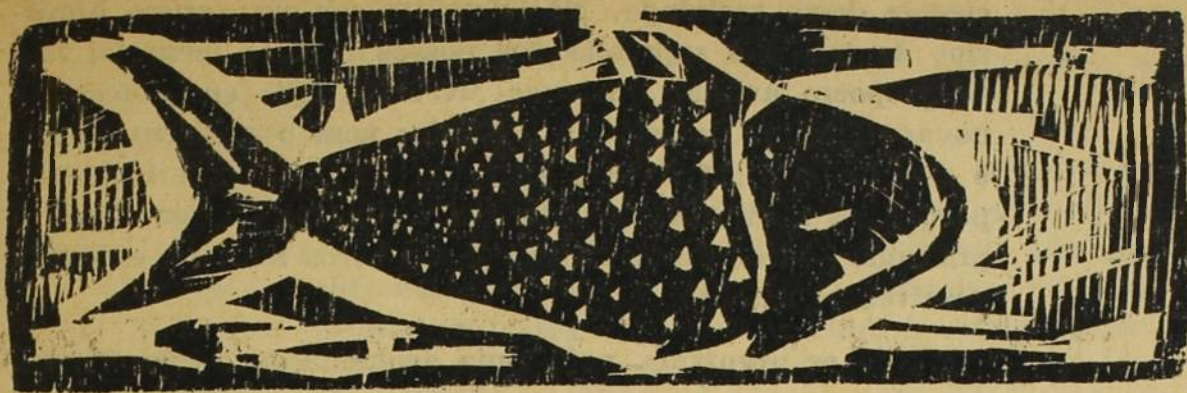
Capa em xilogravura:

CALASANS NETO

Linotipista: **Calcídio Gonzaga**

Paginador: **Oldemar César**

Impressor: **Otton de Oliveira**



M A P A

CARVALHO FILHO

Nem tudo está perdido.

Numa terra em que os arrivistas, os oportunistas, os simuladores e os subservientes erigiram o cinismo, com o seu sentido latino original, em norma de comportamento utilitário, e em que o homem puro, o chamado homem de boa fé e de bem está reduzido a um marginal incômodo em sua resistência silenciosa à enchente incessante do rio de sangue e de lama, numa terra assim rapazes estudantes se dispõem a lançar uma revista de cultura literária. A importância da iniciativa, pelo que contém de esforço independente e sério, impõe respeito.

Não se trata de movimento provinciano, nos moldes convencionais, de que se encontra fartamente marcado o ciclo geral de evolução das nossas letras, em que numerosos jovens, percebendo que as primeiras inquietações do espírito amanhecem sob o signo da literatura, se congregam para a expansão conjunta e inconsequente dos seus anseios. Esses «grupos», que sempre se afirmam enfática e levemente como definidores e característicos da sua geração, têm invariavelmente fim melancólico. Ao término de atividades estreitamente temporárias, o que delas resulta, a rigor, é a negação cinzenta dos seus ímpetos e estremecimentos iniciais. E subsistem apenas como acessório histórico à obra realizada de um dos seus integrantes, quando isso ocorre.

Os adolescentes de «MAPA» firmam-se na plena consciência desta realidade. Não desejam ser um «grupo literário» da tradição superada dos nossos hábitos mentais; não se propoem animar qualquer MOVIMENTO em defesa de novos preceitos de estética literária; nem pretendem definir o espírito original da sua geração. Em sua experiência — porque há a experiência intuitiva dos moços, inconsciente e profunda — não desejam insistir em erros mas, na extensão possível, excedê-los.

Não os aproxima, pois, uma acomodação estagnada em conceitos nem o propósito sistemático da revisão revolucionária de noções correntes nos planos intelectuais em que vão atuar. Unifica-os, antes, a angústia comum da afirmação autônoma, pela inteligência e pela sensibilidade, como deve ser, de seres livres na aceitação, na revisão, na oposição ou na recriação dessas noções. Não lhes entrosam a união também convicções pacíficas de teor político. Ainda aí permanecem na liberdade individual da expectativa atuante, atônitos diante do espetáculo humilhante dos nossos dias em que tão poucos homens, pelo ódio, pela maldade e pela inépcia tumultuam a destinação cristã do homem. Cristalizam enfim a raiz dos propósitos o desejo individual de contacto direto com as fontes da cultura, partindo daí para o conhecimento possível do seu mundo interior.

Agem com pudor e heroísmo êsses rapazes. Porque só ao longo de lenta e agônica penetração e permanência no mundo interior será encontrado o sêmen inicial do nosso destino, como homem e como inteligência. E a subordinação consciente e irreduzível à vocação é o ato heróico do nosso espírito, ignorado sempre pelos circunstantes. Paciência! se as nossas forças forem mal sentidas e mal julgadas pelos outros...

Que os atraídos, depois, pelas revelações do chamado conhecimento científico não se limitem à repetição passiva do texto frio do tratado estrangeiro, nem se conformem com o côro da louvação da ignorância e da inadvertência dos esnobes. Os outros, os marcados pela e para a literatura, para o domínio e a prática da literatura em sua natureza e função específicas, que se debruçam de logo, avêssos ao mundanismo e à mistificação, sobre o material sem limites do autêntico objetivo literário: O HOMEM. Isto é, o ser humano em sua realidade temporal e a projeção desta realidade no eterno; o ser humano como subordinação e reação em sua contingência espacial e política; o ser humano errante em sua mitologia poética de contacto, de sondagem, de compreensão e de reação em face do universo; o ser humano na plena dialética a que o forçam as repercussões em si dos mistérios da existência.

Se assim fôr, estão certos êstes rapazes que não se esquivam por comodismo e enfrentam e atendem sem equívocos e falsas esperanças às solicitações profundas do espírito.

É com gravidade, com severidade e com respeito que devemos recebê-los em tão lúcidos propósitos, ao surgirem em ambiente sabidamente hostil à sua iniciativa, afrontando-o e enfrentando-o de entendimento e impulso próprios. Se se orientassem pelos exemplos que têm à vista, outros e lamentáveis haveriam de ser os rumos em que se lançariam.

A literatura, que é o claro fim dos seus esforços, não se reduzirá nos que vingarem, a mero passatempo de recreação burguesa, mas se afirmará como tendência vital irreduzível e sobreviverá ao silêncio adverso e à indiferença despeitada que fatalmente os envolverão. Que assim seja.

Esses moços não desejam naufragar no mar de fezes que nos assoberba. Querem salvar por conta própria, sem tutelas de medalhões, uma voz que já ouviram no fundo da alma e que, sem o seu heroísmo pessoal, perecerá no limbo. Pretendem, por isso, criar o seu espaço e o seu destino, pois não há a quem invocar proteção. Sonham então com uma ilha. Nela se instalam e, por necessidade de calor humano, se irmanam. Aí, sem qualquer ânimo romanesco, mas num ato refletido de compostura mental, encarando com gravidade a exegese a que se lançaram dos problemas fundamentais do fenômeno literário, esperam que os deixem sentir, pensar e criar à luz do amadurecimento crescente da voz que já começou a cantar no fundo do ser.

Que o façam, mas com a determinação atenta de preservar e fecundar a sonora angústia interior. Ela é que reserva, em essência, o esquivo e raro sabor da vida aos que não traem à sua vocação estética.

Procedendo assim, servirão êles à literatura no que reflete um ato humano de dignidade

Nem tudo, graças a Deus, está perdido entre nós.

CRÔNICA

JULIA CONCEIÇÃO

Menino-sem-nome já acorda na rua. Espera que o sol ponha o olho de fora se espreguiçando. Gosta de pegar sério com aquêlê alvo-voçado louro e ofuscante, mas sempre sai perdendo; também o sol é um João-sem-que-fazer: tem o dia todo para ficar de espreita e só se encolhe quando alguma nuvem neurastênica de chuva lhe cobre a cara de cobre. Ou quando a noite lhe vem render sentinela. Êle não. Êle tem que cavar seus cinquentinhas para poder almoçar. Não pode ficar o tempo todo de cara para o ar.

Salta do galho onde gritou de passarinho e vai catar pedras no chão para atirar nos "pançudos". Se algum se fizer de tolo e não gostar do brinquedo, paciência. Correr foi a primeira coisa que Êle aprendeu depois que andou.

Menino-sem-nome passeia as pernas magras pelas calçadas a procura de gente para brincar. As pernas são magras mas são os "caniços de ouro" do time da bola de meia. Caminha solitário, as mãos mergulhadas no mistério de seus bolsos, chutando pedras a torto e a direito. Onde bater é goal.

Menino-sem-nome apanha papel na sarjeta e com um passe de mágica, suas mãozinhas sujas transformam aquêlê pobre jornal de um dia qualquer, (para Êle qualquer dia é qualquer) no mais belo, no mais importante navio do mundo, porque lhe pertence, foi feito por Êle. Maior que o maior, mais ameaçador que o mais ameaçador, valente como o seu dono. E seu navio tem um porto.

Menino-sem-nome solta seu tesouro no mar profundo de uma poça d'água.

Menino-sem-nome se faz pequenino, salta para a tórre de comando e navega com o seu navio por sôbre todos os mares, debaixo de tôdas as estrêlas. Gosta de estrêlas à fôrça de ver a noite. Gosta de viajar em seu barquinho de papel. (Sempre haverá, neste mundo, um menino, uma poça d'água, um barquinho de papel, amem).

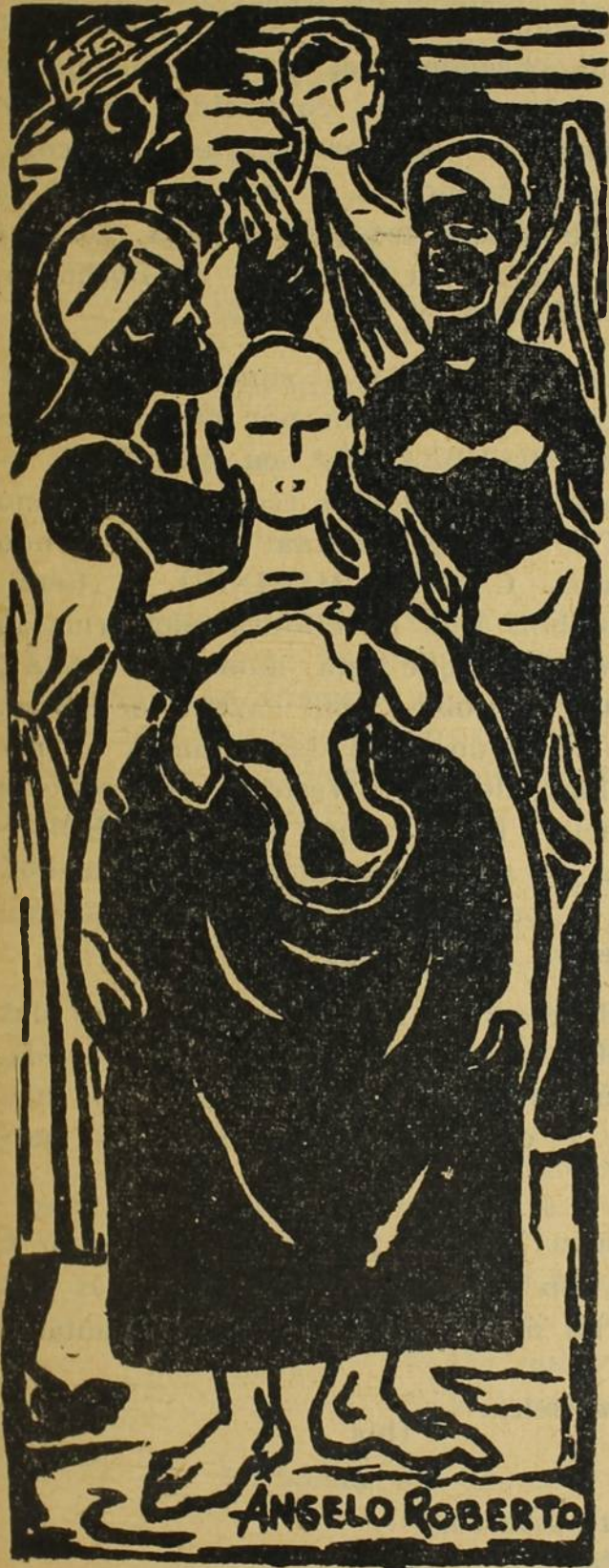
Menino-sem-nome é o mais rico da redondeza. Não tem casa, não tem roupa, nem brinquedos de loja; mas tem dois olhos grandes, uma cabeça atulhada de ideias e um saco cheio de bolas de gude. No tiro de gude Êle é rei, e nisto não há quem lhe empane a glória.

Menino-sem-nome não toca estrêlinha — "quem toca estrêlinha é galinha" — Êle toca é bomba das gordas. Faz ronda nos bairros pongando nos bondes. Apanha as flechas dos foguetes queimados. Fuma tôco de cigarro. É bamba na arraia. Não foge de briga.

Menino-sem-nome só dorme quando não há mais nada para fazer, nem para chutar, nem para sonhar. Não, sonhar não, que sonho não acaba nem dormindo nem acordado.

Menino-sem-nome se cobre com o frio do vento, se embala com o descompasso das bombas, mas tem foguetes que traçam histórias de luz para Êle. Sômente para Êle.

bumba meu boi



Muitas são as maneiras de festejar o Natal. Entre o povo onde falta a sofisticação das coisas compradas a dinheiro, é encontrado o quadro doméstico que representa o nascimento do Messias, a criança na majedoura, os bois e burros, centenas de carneirinhos e mais conchas, galos e galinhas com seus pintos numa composição barroca bem própria da Bahia.

As casas pobres são enfeitadas com fôlhas de pitanga e flôres silvestres, e no terreiro as crianças brincam de *quebra-pote*, *cabra-cega*, *pau-de-sêbo*, preparando-se para o sono com sonhos de sapato, mundo de fantasia, ponto de desejo. Os homens cansados pelo trabalho, dignificados pelo dar presentes de Papai Noel aos filhos, olhando a esperança das estrelas que mancham a noite, que pressentem alegria, erguem os braços potentes de suspender vidas. Os homens esquecem que são homens, que já não têm poesia, e brincam com os brinquedos herdados de avós em outras noites, como esta, já passadas.

Ricos comem frutas que não são de nossa terra, e bebem embriaguês estrangeira. A sofisticação mora no litoral.

No sertão o Natal é motivo de Bumba meu boi. Festa totêmica para Artur Ramos, dança para os sertanejos. Classificado por Mário de Andrade como dança dramática, o Bumba, é uma festa com fundamento nacional em suas características de tipos e costumes. Sua origem histórica é ainda motivo de divergências entre os folcloristas maiores, e é provável que o Monólogo do Vaqueiro de Gil Vicente, tenha sido o ponto de partida do primeiro Bumba meu boi aqui chegado com a tradição portuguesa das naus descobridoras. As versões conhecidas apresentam-no com um número considerável de personagens, que constituíam anteriormente os reisados autônomos, e que, por falta de vitalidade, foram paulatinamente absorvidos pelo Bumba, como é o caso do Cavalo Marinho, do Babau, da Burrinha, da Borboleta, etc..

O Bumba meu boi que temos em mão é aquele que se festeja em Joazeiro, neste Estado da Bahia. Tem por ordem de entrada os seguintes personagens: CAMBRAINHA ou MULINHA — Homem vestido com uma armação de madeira recoberta de pano alegre, estampado. BORBOLETA — Môça vestida de verde tendo prêsas às costas um par de asas. CAVALO MARINHO — Geralmente faz as vêzes de dono do boi. Tem na cintura uma armação que dá ao assistente a impressão de que está montado. BABAU — Vara longa na ponta da qual se coloca uma caveira de burro. O Babau passa o tempo todo correndo atrás das crianças e mocinhas. VAQUEIRO — Condutor do boi. Veste-se de couro e traz um espigão com o qual espeta o boi para que êle dance. BOI — Armação de madeira recoberta de pano com uma cabeça de boi. Um homem embaixo executa os passos. DOUTOR — É um tipo caricato que antes prefere festas à medicina.

O acompanhamento do Bumba meu boi, além das vozes das pastoras, é feito por orquestra típica, com cavaquinho, viôla, pandeiro, ganzá, sanfona, e zabumba. O côro das pastoras não toma parte na ação, limita-se à chamada e despedida dos personagens.

Em Joazeiro, o Bumba meu boi vai pelas ruas, cantando e parando nas portas das casas, em formação de filas indianas das pastoras com os personagens no meio. Enquanto andam, cantam:

Pastoras vamos para Belém
Visitar a Jesus. (bis)

Que êle nasceu para nosso bem
Na Lapinha de Belém.
(bis)

Já na casa escolhida começam os cânticos de louvores: O dono da casa deve entrar e fechar tôdas as portas e janelas. E as pastoras cantam:

Ó de casa nobre gente (bis)

Escutais e ouvireis

Da parte do Oriente (bis)

É chegado os três reis

Os três reis quando souberam (bis)

Que era nascido o Messias

Amontaram em seus cavalos (bis)

Com prazer e alegria

Assim como Virgem Maria (bis)

Recebeu seu bento filho

A casa é aberta e entra o Bumba meu boi. No interior começa a segunda parte do Bumba: a chamada e apresentação dos personagens. Ao chamado das pastoras, entra na roda a MULINHA, e como todos os personagens que virão, ela joga lenços sôbre os assistentes para que sejam devolvidos com dinheiro. Cantam as pastoras para a MULINHA:

*Cambrainha evém, evém,
Oie como ela evém tão bonitinha.
A Mulinha é de ouro, é de ouro só
Eu também sou de ouro, de ouro só
Sapateia mulinha, é de ouro só
Eu também sou de ouro, de ouro só*

Depois de recolher os lenços com os donativos, a MULINHA retira-se da roda dando lugar à BORBOLETA:

*Côro: Borboleta bonitinha
Saia fora do rosal
Venha cantar doces hinos
Hoje é noite de Natal*

*Borboleta: Eu sou uma borboleta
Sou linda sou feiticeira
Ando no meio da roda
Procurando quem me queira*

*Eu sou uma borboleta
Verde da côr de esperança
Ando no meio da roda
Com alegria e bonança.*

E jogando o lenço a borboleta retira-se. É substituída na roda pelo CAVALO-MARINHO:

Côro: Cavalo-marinho vem dançar agora (bis
É quase meia-noite já deu nove horas.
Cavalo-marinho vem se apresentar (bis
Que a dona da casa tem o que te dar.
Cavalo-marinho dança no terreiro (bis
Que a dona da casa tem muito dinheiro.
Cavalo-marinho vai para a escola (bis
Aprender a ler e tocar viola.
Cavalo-marinho vamo-nos embora (bis
Já é meia-noite já deu nove horas.

É chegado o momento mais temido pelas crianças e pelas mocinhas: o BABAU vai entrar em cena, correndo atrás dos meninos e môças para morder-lhes as nádegas.

Côro: Oie lá vem a fera
Deixa vim (bis
Oie fera danada
Deixa vim

A saída do BABAU acorda-nos para o momento culminante da representação. A entrada do boi que é o motivo principal da festa, e que, antigamente, antes da absorção dos outros reisados, era a própria representação, pois esta consistia única e exclusivamente no boi, sua morte e ressurreição.

Côro: Vamos meu boi bonito
Vamos dançar agora (bis
Que é meia-noite
Já deu nove horas.

O VAQUEIRO entra trazendo o boi que começa a dançar, arremessando-se contra o côro e assistência, dando chifradas.

VAQUEIRO: *Bumba meu boi*

CÔRO: *Êh bumba*

V: *Êsse boi dá de banda*

C: *Êh bumba*

V: *Êsse boi dá prá trás*

C: *Êh bumba*

V: *Êsse boi dá de frente*

C: *Êh bumba*

V: *Meu boi Marruá*

C: *Êh bumba*

V: *Meu boi bonito*

C: *Êh bumba*

V: *Bumba meu boi*

etc., etc...

Na maioria dos Bumbas, neste momento, o VAQUEIRO que geralmente se chama Mateus, dá uma paulada no boi e mata-o. Neste Bumba que estamos apresentando, o boi morre de muito dançar. E todos aflitos correm à procura do DOUTOR, que é geralmente um bêbado anárquico atrás de "funções", como êle mesmo canta:

Côro: *Minha gente cadê o Doutor
Que não aparece oh que horror*
bis)

Doutor: *Cheguei, cheguei, cheguei agora
Nêste momento já vou me embora
Ouço cantigas, sons de violão
Eu sou Doutor mas gosto de função.*

Então é necessário segurar o homem para que êle não se vá. O boi está morto e é preciso fazer qualquer coisa. O DOUTOR começa a examiná-lo. Consternação geral. E como na própria vida, apesar do luto e da tristeza há o espólio do morto, faz-se a distribuição do fato pelo DOUTOR. As partes do boi distribuídas na assistência são lenços que serão devolvidos com dinheiro. E o doutor canta a distribuição do fato:

Doutor: *A tripa mais grossa?*

Côro: *Ê dos homens da roça.*

D: *E a tripa mais fina?*

C: *Ê de tôdas meninas.*

D: *E o pé das costelas?*

C: *Ê das moças donzelas.*

D: *E o chã de dentro?*
C: *É de seu Mané Bento.*

D: *E a tripa gaiteira?*
C: *É das moças solteiras*
etc., etc.

Depois do fato ter sido convenientemente repartido, depois dos lenços terem sido devolvidos, as pastoras cantam:

Côro: *Levanta meu boi*
Vamo-nos embora
(bis)

Que é meia-noite
Já deu doze horas.

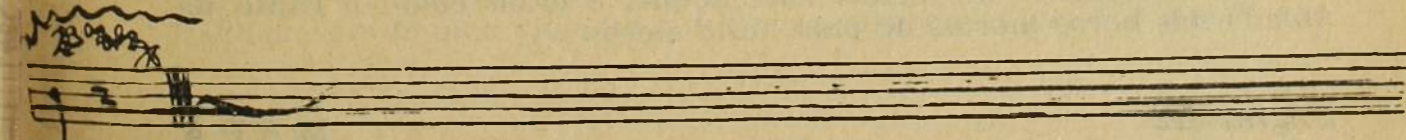
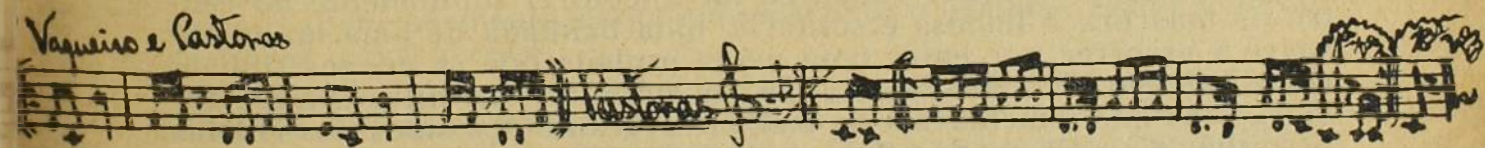
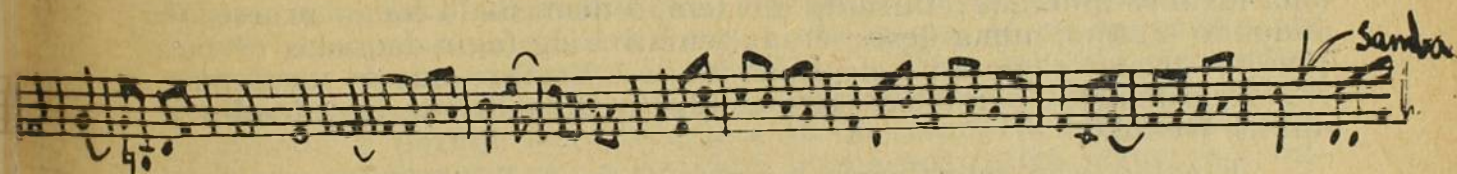
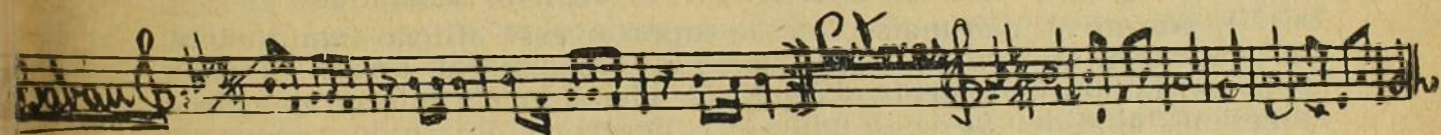
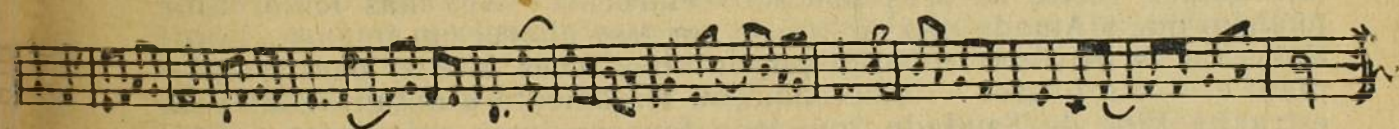
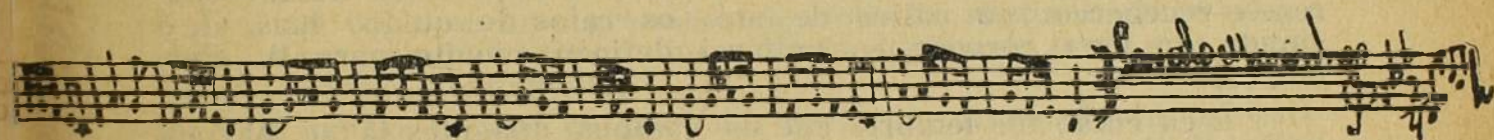
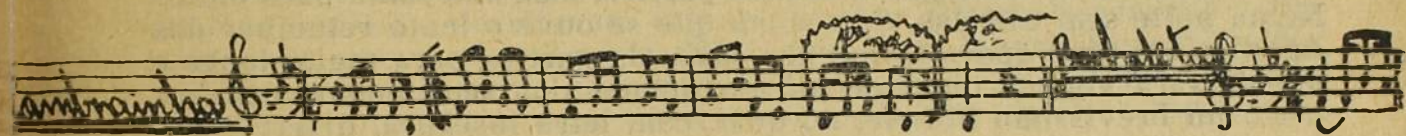
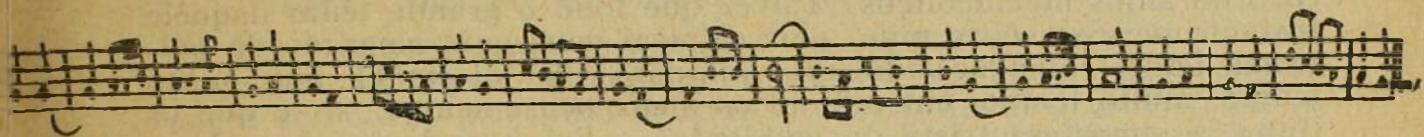
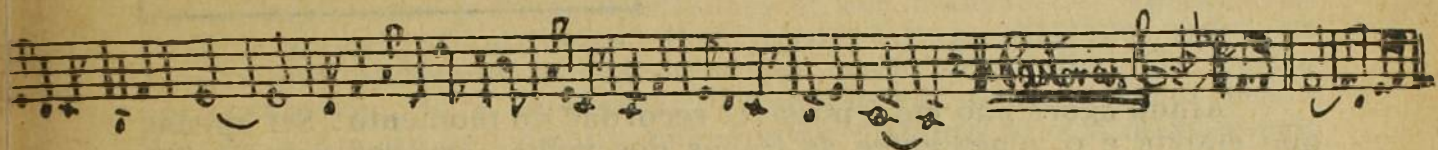
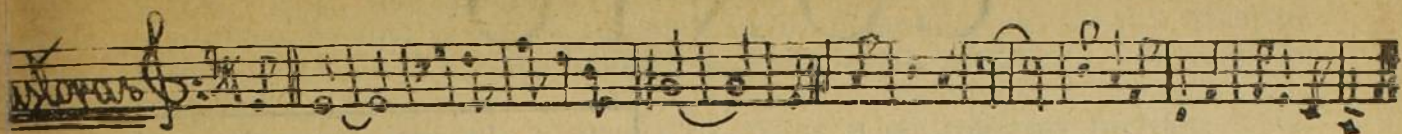
O boi ressuscita e volta a dançar ao som da "chula" cantada pelo VAQUEIRO e respondida pelo côro. É u'a música monótona que lembra os aboios com que são conduzidas as boiadas pelos ser-tões agrestes e contingentes.

Vaqueiro: *Bumba meu boi*
Côro: *Éh bumba*
V: *Esse boi dá de banda*
C: *Éh bumba*
etc., etc.

Neste momento termina a representação. Depois dos cumprimentos, dos comes e hebes, o Bumba meu boi volta à rua e segue dentro da noite, levando aos lares alegres a mensagem sempre nova do Natal, a lembrança da criancinha que nasceu na manjedoura, nossa esperança no futuro e crença na humanidade.

Paulo Gil Soares

Música do Bumba Meu Boi



CONTO

JOÃO CARLOS T. GOMES

Ainda agora não me é possível recordar do momento. Sei apenas que chovia e o vento entre as folhas das velhas árvores parecia um cântico de anjos melancólicos. Talvez que todo o grande tédio daquele instante pesasse sobre mim, pois eu nem conseguia alçar-me da poltrona, onde, enlanguescido, me afundara. E ali fiquei por muito tempo, muito tempo, entregando os meus pensamentos, se é que os tinha, à atmosfera triste do ambiente... Foi quando surgiu a lembrança da Amada. Viera de súbito, como uma revelação estranha e impensada, como algo de intangível que tivesse escapado do fundo misterioso de um Jamais. Viera de súbito, e a sua posse sobre o meu ser, absoluta e definitiva, abalou-o com a força de um impacto violento...

Oh, sim, eu sabia que a Amada partira, mas não sabia para onde. Numa noite sem estrelas, dessas em que se ouve o lento retumbar das Agonias e o uivo apocalíptico dos cães, ela partira para muito longe e me deixara apenas uma mecha perfumada dos seus longos cabelos, mais um brevíssimo bilhete, no qual, com letra insegura, dizia:

“Quando as rosas brancas dos campos esquecidos desabrocharem e receberem no cálice de ouro os raios de quatro luas, aí, ó amado do meu coração, eu voltarei definitivamente para ti. Perdôa-me”.

E eu então me lembrei que os campos distantes já se haviam povoado de rosas brancas, em cujos cálices orvalhados a lua deitara, por quatro vezes, os seus patéticos clarões... Ah, mas lembrei-me também que a Amada não voltara, e por isso chorei um imenso choro! Chorei e as lágrimas rolaram por minhas faces e me banharam o peito e — ó milagre! — nêle começou lentamente a desabrochar uma estranha Flor de Saudade, que logo feneceu, mas cujo intensíssimo perfume impregnou-me definitivamente o espírito angustiado.

E porque eu não mais pudesse suportar essa aflição tumultuária, e a lembrança da Amada continuasse a esvoaçar em torno de mim como um bando de espectros fugitivos, abandonei a minha morada e lancei-me, abatido, às ruas úmidas e desertas. Em tudo repousava uma lúgubre quietude. Durante um tempo demasiado longo prossegui andando a esmo, numa desesperada tentativa de fugir daquelas evocações tão tristes como uma elegia ao luar... Lembro que os meus passos desordenados pareciam fazer estalar o silêncio que se estendia à minha frente.

E então, sem saber como, eu me encontrei subitamente no centro de uma praça imensa e solitária, toda banhada de uma luz muito suave a escorrer por entre uma nesga azulada que as nuvens tinham aberto no céu. E começaram a chegar até mim sons difusos e longínquos, sons que semelhavam ao badalar evocante dos sinos das aldeias perdidas, e a milhões de relógios que em uníssono marcassem o grave escoar das horas distanciadas... E os sons vieram vindo, vieram vindo, e já eu os ouvia bem próximos, e eram tremendamente fortes... E de um momento para outro não somente os sons se aproximavam, mas os próprios sinos e relógios, saídos não sei de onde, voavam pelo espaço e adejavam em torno da minha cabeça, e eram como uma sinfonia alucinante de metais em choque, e eram como o canto da Amada nas horas mortas de uma noite eterna...

Eu tentei, quase alucinado, escapar daquela praça, e fugir dos sinos, e fugir dos relógios, mas inesperadamente vi-me preso ao chão, e o jôro de luz, já agora intenso, todo se lançava na minha direção, unicamente... E caí de bruços, e, extenuado, adormeci um sono de horrores...

Quando acordei, a praça, os sinos e os relógios haviam desaparecido. Eu julguei estar numa praia e não me enganei, pois longe o mar rugia com a fúria dos loucos e dos assassinos. Aprestei-me então a andar, e mal dados dez passos, talvez, distingui entre as névoas que povoavam a distância um vulto de mulher de beleza extraordinária. E, ó mistérios, ó alucinações, aquela mulher era a Amada, a Amada que partira numa noite distante para o desconhecido, a minha Única, Verdadeira e Eterna Amada!

Ela vestia um traje de neblinas e os seus seios eram como dois pequeninos sóis que brilhassem no refúgio acolhedor das nuvens. Todo o seu corpo rescendia ao brando cheiro da amarugem, eram os seus cabelos tão longos e crespos como as algas dos altos oceanos, e trazia nos olhos o negrume dos mares nos dias tormentosos... E então, como o pássaro sangrado que busca o ninho e a companheira antes do último suspiro, assim eu me atirei aos seus braços macios de amor. Durante algum tempo permanecemos unidos e o silêncio nos envolvia como uma grande serenidade... Depois, enquanto andávamos, conversamos sobre as lendas dos pescadores que habitavam aquelas regiões e desafiavam o mar nas suas frágeis barcaças... Ela contou-me que conhecera um dêes, nas suas longas peregrinações por aquelas praias, que, um dia, ao sair para a pesca, encontrara o cadáver da própria esposa, morta num naufrágio, entre os sargaços e os musgos de um rochedo abandonado.

E foi como se uma grande melancolia se abatesse sobre nós, e permanecemos calados, enquanto a funda doçura da tarde nos envolvia aos poucos, lentamente...

De súbito, porém, eu senti um veemente desejo de ver o cemitério dos pobres pescadores, e lhe pedi que me levasse até lá. Por longo tempo ela relutou em atender-me. Nesse momento notei que seus olhos tomavam progressivamente a doce coloração da tristeza, e suas mãos se faziam frias e trêmulas. Mas eu tanto insisti no pedido, que ela acabou por acceder-me.

O cemitério era bem pequenino. Por todo êle, dispersos, os liquens e as heras medravam. Havia nos túmulos uma brancura de lírios, e como eu achasse isso estranho, ela explicou-me que, todas as semanas, os parentes e amigos dos que ali jaziam limpavam-lhes o repouso final, e lhes traziam flôres, e lhes traziam prantos. E disse-me ainda que, nas noites enluaradas, quando o vento compunha nênias de uma amargura nos ramos dos ciprestes, havia grandes romarias àquele lugar, e se acendiam velas e círios que só se apagavam aos primeiros clarões da manhã nascente... Tudo isso ela me contou, entre soluços e máguas. E porque eu não quizesse prolongar a aflição da Amada, e porque entardecesse e já do cemitério estranhas fosforescências emanassem, eu a convidei a que nos retirássemos, e caminhamos silenciosamente, enquanto sentíamos o perfume vago e distante de flores emurhecidas...

Quando nos aproximávamos da praia, notamos que, ao longe, em tórno de algo que semelhava um grande peixe, um grupo de pescadores falava e gesticulava nervosamente. E mais nos aproximamos, e à medida que o fazíamos fomos notando que aquilo não era, como pensávamos, um grande peixe, mas sim o cadáver de alguém ainda a boiar nos últimos repuxos das ondas espumaradas... Alguns pescadores explicaram-nos então ser o cadáver de um jovem, que ali aparecera, e como estivesse com as faces mergulhadas, e nós não lhe pudéssemos distinguir as feições, eu lhes pedi que o virassem... Oh, para que o fiz! Tomado de uma violenta e dolorosa surpresa, notei que aquele era

o meu próprio cadáver! Ainda relutei em acreditar no que via, supondo ser prêsã de alguma alucinação fantástica, mas não pude! Jamais haveria dúvidas: as mesmas feições, o mesmo modo estranho de estar em silêncio, o mesmo humilde abandono, o mesmo tédio imenso de tudo estampado nos olhos sem vida! Sim, era eu próprio, nem o tom violáceo do rosto poderia negá-lo! Eu morto! Eu sufocado! Eu afogado! Eu, o sempre trágico, eu, o entregue a tôdas as impossíveis serenidades, eu, mil vezes eu! Ah, os pescadores nada pareciam perceber, pois mantinham-se impassíveis, numa grave e respeitosa solenidade... Mas eu me abaixei e chorei perdidamente sôbre o meu corpo úmido, o meu corpo sem vida! Faces entre as mãos, a minha fiel Companheira, transfigurada, chorava também um convulso choro prolongado... Dentre os seus dedos lírios as lágrimas escorriam, e já não eram lágrimas, eram pérolas, sim, decerto pérolas que caíam surdamente na brancura das areias!

Nêsse ínterim, à visão das pequeninas contas, os pescadores gananciosos abandonaram o meu corpo e se lançaram a disputá-las loucamente, e se aranhavam, e se destroçavam, e acabaram por matarse, enquanto as ondas arrastavam os seus corpos, tintas de sangue, para os abismos tenebrosos do mar...

Eu carreguei então o meu corpo e convidei a Amada a que nos afastássemos daquele lugar. Ela seguia-me soluçando, à deixar pelo chão um rastro elegiaco de tristeza. Nisso, sem que houvésemos percebido, uma lua vermelha e enorme, como jamais eu vira, apareceu de súbito no horizonte, entre as névoas espessas da noite que descia. Nós havíamos chegado a uma velha mangueira, e sob a sua fronde copada eu resolvi enterrar o meu corpo. Lentamente começamos a cavar um fundo sepulcro, todos banhados pelos clarões daquele luar inefável. De vez em quando o vento arrancava murmúrios e estremecimentos das folhas; longe, o cadenciado bater das ondas na areia tinha qualquer coisa de uma sinistra malopéia...

Por fim a fossa atingira uma medida razoável para o tamanho do meu corpo e nela o depositamos. A tarefa seguinte foi-nos extremamente dolorosa: à medida em que enchíamos o sepulcro de terra, e todo êle, aos poucos, desaparecia, eu experimentava no íntimo uma sensação que em verdade jamais me será dado definir, um misto de alegria e tristeza, de pena e horror, de remorso e alívio, que me torturava indefinidamente. Oh, e como explicar de fato as nossas reações em face daquela dualidade macabra? Eu, e o Ser que mais me amava no mundo a enterrar o meu próprio cadáver! A jogar a areia glacial da noite no meu próprio nariz, nos meus próprios olhos, na minha própria boca!...

Finalmente, aquela terrível tortura se extinguiu. Já aí, a lua, bem maior e mais rubra, inexplicavelmente maior e mais rubra, havia atingido o centro do céu sem estrêlas... Nós permanecemos então a fitá-la, quando, de-repente, tôda ela pareceu-nos sacudida por um fortíssimo abalo. Maravilhados, eu e a Amada vimô-la desintegrar-se, e as suas partículas, como pequeninas bolas de um fogo muito rubro, se espalharam no espaço em tôdas as direções, enquanto um clarão inexprimível banhava o lugar em que nos encontrávamos.

E nós dois, abraçados, começamos a andar pela praia.

E à medida que o fazíamos, as pequeninas bolas iam-se acercando de nós, e transformavam-se maravilhosamente em flôres, e eram dalias e verbenas, e rosas, e violetas, e lírios, e eram tôdas as flôres, de tôdas as côres, de todos os feitios, e nós continuávamos a andar, a andar, a andar, sob aquêlê delírio alucinante de pétalas perfumadas...

Lembro que amanhecia.

Lembro que longe, bem longe, um pássaro azul traçava no azul o roteiro da manhã...

Lembro que eu e a Amada nos assentamos na areia, e de então, oh! nada, nada mais me recorda...

FERNANDO PESSOA

CARLOS ANÍSIO MELHOR

Fernando Pessoa é antes de tudo um poeta complexo. E aqui o termo é tomado na sua dupla significação: complexidade no sentido de difícil à inteligência, complicado e mesmo incômodo para as pessoas que têm a poesia como um simples delcete ou cordialidade em horas de lazer, e, sobretudo, complexidade em sua acepção precisa e etmológica: um ser cuja consistência é formada por partes diferentes ou que possa ser considerado sob vários aspectos. Esta é a principal característica, a nota essencial de sua personalidade ou multipersonalidade proteica e diversa. Porque, já o sabemos, trata-se de heteronímia, fenômeno por demais raro na história da literatura, consignando similar apenas na pseudonímia — solução falsa, cuja origem se prende à finalidade, intenções e preconceitos, sem aquela sinceridade, posição autêntica, visão dramática que se encontra em Fernando Pessoa. Assim descobrimo-lo, no limiar da crítica, como terrível problema, pois é devido a esta complexidade que êle exige do crítico além de argúcias, largura e penetração — condições a que está obrigado pelo seu ofício — conhecimentos outros que lhe facultem a compreensão enciclopédica do poeta. De vários ângulos nós poderíamos estudá-lo: a) O conjunto de sua variegada personalidade; b) Cada uma de per si; c) A linguagem, a filosofia e a religião como etiologia de toda sua personalidade; d) Os fundamentos patológicos de sua singularidade; e) A sua posição na história da moderna poesia portuguesa em face às correntes e influências estrangeiras. Este é o plano de trabalho a ser realizado pelo autor deste ensaio — breve apresentação do poeta aos leitores de aquém mar.

ESTILO

O estilo é ainda hoje um dos principais cuidados do escritor na elaboração literária. A discussão sobre a maior ou menor valia entre a forma e o conteúdo permanece dilemática mesmo na contemporaneidade. Poetas de envergadura de um Valéry ou Stefan Georg não se descaram de uma forma supinamente trabalhada, com amor ao artifício de um artista barroco. Enquanto em uma relação contígua, Rilke e alguns poetas metafísicos preocupam-se com o conteúdo, o ser como suporte da forma, embora não haja exclusão do termo contrário. Referi-me apenas ao grau de importância de que se reveste para aquêles poetas os dois mencionados processos de orientação. Mesmo porque, creio eu, dá-se nesta busca uma verdadeira confluência: qualquer dos dois termos elegidos encontram-se reciprocamente no vértice da perfeição.

A fim de tornar mais facilmente inteligível o assunto, reerguemos em base de simplificação didática aquela disputa, arremêdo de alecrim e mangerona, travada entre as alas culteranistas e conceptistas no decurso do Século XVIII espanhol (paciência, caro leitor, não se preocupe, que não perderemos o fio da meada). A primeira escola visava a forma trabalhada e batida pela maneira barrôca. A preocupação pela imagem era primordial servindo-se o poeta de todo o cabedal mitológico recebido pelas vias do renascentismo. Primeiramente a linguagem, o estilo e a sintaxe de construção latina. Entre os conceptistas era a agudeza, o conceito que estava em primeiro plano. O emprêgo era mais de matéria, e apuração de conteúdo. Gracian e Gongora são os representantes máximos desta dicotomia. O dualismo entre ideia e imagem em sua projeção artística perdura, como dissemos há pouco, até aos nossos dias. Consideremos agora estas duas premissas, tão necessárias à compreensão posterior, com um pouco mais de precisão.

IDEIA E IMAGEM

Tomemos como sinônimos os têrmos ideia e conceito. E seguindo o conselho do sábio de Ferney, definamos. Ideia, em suas raízes etmológicas, significa pròpriamente forma, aspecto visível. *Ten idean palós* (I). O uso lógico, porém, subjetivou, por um desdobramento semântico, êste conceito.

St. Tomás fornece-nos a definição de que necessitamos: "*Hoc enim significat nomem ideae ut sit scilicet quadam forma intellecto ab agente, ad cujus similitudinem exterius opus producere intendit, sicut ædificator in mente sua preconcepit formam domus* (II), ou de um modo mais simples: conceito, representação intelectual de um objeto, abstraído de suas determinações particulares pelo intelecto agente. Enquanto imagem vem a ser a representação determinada de um objeto sensível imediatamente tirado do real.

Êsses dois conceitos basilares da lógica, dos quais depende tôda sua valorização, apresentam-se, por outro lado, como de extrema importância para a análise do jôgo poético.

Conceito e imagem são as duas faces da poesia. Variando em predominância, êles se apresentam sempre como o constitutivo de suas intimidades. E, sem risco de exagero, poder-se-ia dividir de acôrdo com a intenção de um ou de outro elemento, todos os poetas em: os de predomínio intelectual ou imaginativo; poetas do mundo sensível e poetas do mundo subjetivo. E fechando o círculo: "Gestalt und Gehalt".

I) Platão Protágoras, 315.

II) Questiones Quodlibetales, IV, 1, 1c.

É muito raro encontrar-se uma poesia em que “a beleza mais viva e o pensamento mais profundo estejam amorosamente enlaçados”. Mesmo porque esta dicotomia é uma condição existencial. A conjunção de suas luzes somente será efetuada por um recurso técnico, um artifício, jamais por uma potência inata. O conceito — imagem entrosada em um todo, completa em si mesma, é um problema a ser resolvido exteriormente, no estilo, antes que no próprio canto subjetivo.

Fernando Pessoa o consegue pelo poder de seu gênio.

N. R.: — Nos próximos números teremos a seqüência do ensaio-crítico de C.A.M.



CINEMA

O WESTERN — Uma Introdução ao Estudo do Gênero e do Herói.

Glauber Rocha

I — O chapéu é de largas abas, o revólver de balas intermináveis é sacado com a velocidade do raio, o cavalo é preto ou branco e é fiel até o último perigo, os punhos são fortes e ágeis. A estrêla no peito é o símbolo do bem.

O "cow-boy" vem de onde homem ou menino não sabe; surge lá no fim da pradaria sob a quentura do sol, varando a cortina sêca de poeira. Cantarola às vezes; é uma cantiga triste, fala para uma mulher, fala de uma terra...

O cavalo vem trazendo o homem até o primeiro plano e o mito cresce e se realiza. Os tiros surgem tão inexplicavelmente quanto ÊLE. A diligência perseguida leva uma mulher bonita, leva um caixeiro-viajante, leva um homem mau, granfino da cidade trazendo o pecado para o oeste. Os bandidos mascarados — às vêzes com panos pretos nas caras, às vêzes com penas e tinturas de guerra — precisam ser derrotados. ÊLE saca os revólveres, dispara certamente, cada tiro é uma queda certa. A canção agora já não está em seus lábios; saindo da alma do herói, ganha o tempo, domina a pradaria, é uma variação ao ritmo das balas.

O mal não resiste a ÊLE. Fogem os bandidos. Voltarão depois para nova refrega. Êle é galante, conquista o coração da mocinha e desperta o ódio do homem mau, ganha a simpatia do caixeiro-viajante.

Na cidade ÊLE é o ídolo das crianças. Porque uma delas é morta, êle põe a estrêla no peito, invade o "saloon" pelas portas balançantes, dá um tiro na luz, vira a mesa de jôgo, briga com três, quebra a cara do valentão. O chefe o desafia para um duelo. Êle é corajoso. Pelo coração da mocinha, pelo bem, e por causa da admiração das crianças, e muito mais, pela importância do mito que não pode ser quebrado, porque todos os homens confiam cêgamente na infabilidade do herói, ÊLE aceita o duelo mesmo sabendo de uma emboscada, mesmo com a certeza de várias armas escondidas apontando às suas costas.

A aurora em desenvolvimento situa a ruazinha deserta. Aquela música triste volta temendo pelo herói. ÊLE SURGE; caminha firme, os olhos para uma direção bem longe. O momento vale um gesto quase imperceptível terminado pelos disparos sucessivos. A música hesita, os corações de homens e de meninos afastados do mundo no refúgio da sala escura param por um segundo.

Quando o homem mau dobra o corpo e cai, um sorriso de libertação dos homens e das crianças.

ÊLE está indiferente. Tira a estrêla do peito, monta o cavalo preto ou branco, deixa uma mulher amada e some no fim da pradaria e no fim do mundo.

Os homens e os meninos estão alegres porque ÊLE venceu mais uma vez. Voltará na próxima semana para novas apreensões e novas libertações.

II — O “*western*” surgiu no cinema americano para ganhar raízes profundas nos corações de todos. Poderíamos mesmo afirmar que o homem do século vinte cresceu à sombra do herói criado por Hollywood.

O mito do revólver e dos punhos cresceu dominando tôda a infância, e ainda não morreu de todo na alma dos adultos. Tom Mix, William S. Hart, Hoot Gibson, Ken Maynard, Tim Mac Coy, Jack Holt, Buck Jones — os heróis primeiros, os criadores da lenda — simbolizam um momento inesquecível de nobreza, de coragem, de amor aos homens contra o mal se pronunciando para a infelicidade da mulher amada, para o desespero dos trabalhadores pacíficos.

Saindo de uma pureza primitiva, quando ainda o cinema era puro em sua mudez, êstes heróis criaram a mitologia cinematográfica, configurando ao cinema o seu primeiro caráter autônomo perante às outras manifestações artísticas.

Submetendo-se o cinema a um dissecamento de ordem estético-temática, não haverá, indubitavelmente, um esqueleto rígido em autonomia e características próprias além do ritmo e do enquadramento, desde quando é fato por demais visto e comentado que os elementos constitutivos de obra cinematográfica são provenientes em quase totalidade, ou mesmo em totalidade quase absoluta, do teatro, da literatura, da música, das artes plásticas.

No “*western*”, todavia, o cinema liberta-se com dignidade, porque o “*western*” nasceu e alcançou desenvolvimento paralelo e intrinsecamente ligado com a arte cinematográfica.

Os gêneros policial e revista foram heranças lapidadas e requintadamente formadas por Hollywood e por outros cinemas. A literatura policial e o teatro-revista já existiam antes do cinema, embora, — e aqui afirmamos sem medo — só tivessem subsistido como gênero devido a êste. O “*western*” não; é filho autêntico e puro do cinema, daí Salvyano Cavalcanti de Paiva afirmar em “Aspectos do Cinema Americano”.

“Explorado comercialmente até a saturação, o “*western*” continua hoje, em plena época do cinemascópio e do som estereofônico, bem vivo — e é o único tema que resiste ao tempo, a escola que confere ao cinema a mais absoluta independência das outras formas de arte. Daí não se conclua que o cinema não poderia viver sem o “*western*”...

O cinema poderia viver sem o “*western*”; mas só com o “*western*” poderia atingir em cheio as massas, e conquistar-lhes esta ren-dição incondicional que até hoje se verifica aos sonhos de Hollywood.

De “The Great Train Robbery” (“O Grande Roubo do Trem” —; Edwin S. Porter — 1903) até à formula sofisticada do “*western*” de hoje — herói barbeado, tomando uisque e atirando pelas costas — o gênero perpetuou-se como elemento essencial à pesquisa estética, lin-guística e industrial do cinema americano. Por uma decorrência lógica, foi o filme-revista o suporte básico para o primeiro impulso do sonoro; então o “*western*”, ao invés de levar uma contribuição, sofreu, pelo contrário, um choque em si mesmo, posto que necessi-tou sair da ingenuidade primitiva para uma situação onde partici-pava um elemento exterior à sua concepção artística. No entanto, posteriormente, quando os revólveres passaram a atirar com equilí-brio técnico e a música valeu como agente captador do folclore norte-americano, o gênero, adquirindo de fora novas contribuições, supe-rou a fase de choque inicial e assumiu o caráter requintado que pas-sou a dignificá-lo sob o ponto de vista formal, surgindo desta evolu-ção uma segunda conseqüência: a primeira grande característica, agora não mais temática, mas sim, estética do cinema americano.

Tema genuinamente nascido durante a expansão territorial e a colonização dos Estados Unidos, legou aos cineastas de Hollywood esta singular possibilidade de trabalhar com matéria que, dado o seu caráter estritamente regional, não poderia sofrer a exploração de outros cinemas. O musical e o policial, embora sejam também carac-terísticas marcantes do cinema americano, não puderam ficar tão rigidamente limitados como o “*western*”; passaram a ganhar realiza-ções dos cinemas europeus, ultrapassando mesmo, e com muito maior vigor formal, humano e psicológico, o esquema hollywoo-diano.

O “*western*” conservou-se, neste sentido, praticamente puro; e, justamente por êste fato, foi o tema que proporcionou aos melhores diretores as pesquisas estilísticas de que acima falamos, não dei-xando também de ser a principal especulação financeira dos pro-dutores.

III — O herói do oeste, o “*cow-boy*” *íntegro*, valente e forte do cinema mudo; criador da lenda e conquistador do público, passou, com a extinção do cinema mudo, da condição divina a uma vulgariza-ção gradativa que terminou por confundí-lo ao aventureiro comum, levando-o conseqüentemente à decadência.

O dissecamento evoluído do tema descobriu novos valores que necessitaram um aproveitamento aprofundado, implicando, forçosa-mente, a inversão dos valores fundamentais que conferiam ao herói uma dignidade mitológica. Se por um lado a pureza primitiva foi contaminada, por outro — se bem que anti-cinematográficas no que tange a um conceito purista — surgiram novas perspectivas que lan-çaram o cinema no domínio do depoimento histórico e da pesquisa sociológica. Se o herói sofreu uma contaminação, o gênero progrediu

em concentração de novos elementos que o agigantou como obra de arte. Então surge o que até certo ponto é uma atitude cruel: a separação do Herói e do Gênero, por contraditório que pareça. O Herói morreu, porque se sofisticou na frescura colorida e cantarolada de Roy Rogers, Gene Autry, Rex Allen, Monte Hale, ou na esquematização duvidosa e imbecil de Randolph Scott, Tim Holt, Charles Starret, George Montgomery, Joel Mac Crea; não pôde subsistir com a evolução do gênero. Mas daí o gênero cresceu sem a grandiosidade do herói, produzindo a conclusão: o gênero "*western*" desenvolveu-se na proporção em que o herói decaía. Todavia esta inversão não pôde resistir por muito tempo, quando o gênero, sentindo a necessidade do herói para adquirir uma moral, encontrou-o morto e sem possibilidades de ser ressuscitado.

Deu-se a paralisia do gênero pela morte do herói. Só subsistiu o necessário para conquistas secundárias.

Se tais conquistas perante o gênero determinaram sua própria morte, perante o cinema foram de fundamental importância para a forma e para a fórmula americana. Deixando o Herói perder em conduta e moral para o Homem, os diretores de "*western*", dentre eles John Ford e Anthony Mann, mergulharam em busca da realidade, do natural no oeste americano em tempo de colonização. Em John Ford o social sobrepujou o poético embora este existisse como consequência mais acidental do que essencial. Em Anthony Mann, o psicológico começou a esboçar uma tendência que mais tarde resultaria em "*Matar ou Morrer*" de Fred Zinnemam, realização absoluta do "*Western*" psicológico. O mais saltante em Mann — cineasta do gênero após o declínio de Ford — é talvez o que mais liquidasse o herói, foi o problema evidente e imediato do Bem e do Mal. O herói primitivo era bom; não havia dúvida; acreditava-se mal ele surgia. Em John Ford permanecia bom embora tivesse disposição para o mal. Em Anthony Mann, o herói aparece como tese de um pecado, e luta entre a lei e o crime, salvando-se no fim.

Desta adulteração do herói, quebrando o mítico em favor da arte cinematográfica, particularmente a americana, surgiram as principais tendências do "*western*", enquadradas devidamente segundo os momentos históricos e morais do oeste.

Dentre todas, classificá-los como fundamentais:

O "*Western*" ÉPICO: "*No Tempo das Diligências*" (Stagecoach) de John Ford

O PASSIONAL: "*Duelo ao Sol*" (Duel At Sun) de King, Dieterle, Sternberg

O PSICOLÓGICO: "*Matar ou Morrer*" (High Noon) de Fred Zinnemam

O SOCIOLÓGICO: "*Winchester 73*" (Winchester 73) de Anthony Mann

O HISTÓRICO: "*Sangue de Heróis*" (Forte Apache) de John Ford

O POÉTICO (ou a realização do gênero com o lírico retorno do herói)

"*Os Brutos Também Amam*" (Shane) de George Stevens.

Aqui procuramos exemplificar com os filmes mais representativos, obedecendo um critério mais ou menos arbitrário, devido, infelizmente, à completa ausência de esquematização suficientemente estruturada.

Estudaremos em próximo trabalho o desenvolvimento formal e temático das respectivas tendências.



A CASA DO ESTUDANTE

CAMPANHA DE VINTE E SEIS ANOS

JOÃO CASTELO BRANCO

Tem sido objeto constante de todos os conclaves estudantis realizados na Bahia, a construção da **Casa do Estudante**, necessidade urgente e indispensável em uma capital que possui, segundo dados estatísticos do IBGE, vinte e dois mil estudantes do curso médio e dois mil e setecentos matriculados nos cursos superiores.

Apesar de todos os planos elaborados e de tôdas as campanhas desenvolvidas, ainda hoje, lamentavelmente, a **Casa do Estudante** continua no plano absoluto do sonho, porque os senhores encarregados das carteiras educacionais de nossa terra, ainda não adquiriram a consciência e a gravidade do problema.

Quando as comissões estudantis apresentam um requerimento, aonde desgraçadamente pedem um mínimo de apoio, as promessas convenientemente lançadas, ficam apenas em estado de palavras cretinas. Assim, de diretoria em diretoria, há vinte e seis anos, lutam as entidades de classe na Bahia pela solução do problema, que traz para o estudante pobre vindo do interior, uma série interminável de casos vitais que os prejudicam de maneira cruel.

Não bastasse a deficiência do ensino secundário com o acúmulo escandaloso de matérias; não bastasse a mentalidade retrógrada de professores inadaptados à evolução das ciências e ao espírito da juventude; não bastassem tais circunstâncias de ordem cultural, ainda surgem para agravamento da vergonha, as deficiências de assistência médica, dentária e jurídica, ausência de bibliotecas especializadas, de abatimento no preço das necessidades escolares, e, finalmente, a carência da **Casa do Estudante**, com restaurante e dormitório.

O recurso de moradia aplicado pelos jovens vindos do interior para os nossos colégios secundários, varia entre o internato e a pensão. Ora, tanto uma como outra medida, implicam em prejuízo profundo à formação do estudante. De um lado, o internato significa a limitação e a coerção moral e intelectual do jovem, levando-o a um caminho tido como verdadeiro pelas doutrinas dos respectivos estabelecimentos, lugares estes sem uma fiscalização rigorosa das autoridades competentes, e que, provocam em grande parte, além de inibições, outros desequilíbrios. Já as pensões (em Salvador, cerca de três mil e quinhentos estudantes moram em pensões) na maioria das vezes, são velhas casas mal cuidadas, em completa falta de higiene, com alimentação de péssima qualidade e assistência humana nula. Se fôssemos analisar as consequências de tais lugares de moradia dos nossos estudantes, chegaríamos a tristes conclusões.

Estamos certos de que o abandono e o desrespeito à classe estudantil, são os responsáveis por esta prematura indiferença do jovem pelo trabalho, pelo estudo, pelos problemas econômicos e sociais do país, pela descrença total nos valores vigentes e a fuga para a vida fácil.

Desde o tempo da antiga AUB (Associação Universitária da Bahia), e da AEB (Associação dos Estudantes da Bahia), — organizações que congregavam os universitários e secundaristas, — que a campanha da CASA está nas cogitações dos movimentos efetuados pela classe. Com a realização da esquecida e saudosa Festa da Mocidade, conseguiu-se arrecadar cerca de um milhão de cruzeiros, hoje depositados em banco. As autoridades prestaram ajuda à campanha até que, no dia 31 de outubro de 1942, no gabinete do então prefeito Neves da Rocha, era assinada a doação de um terreno situado à rua Teixeira de Freitas (defronte à Faculdade de Direito). Ganhou ânimo o movimento. Mais tarde, em 5 de setembro de 1945, foi organizada a fundação da Casa do Estudante. No ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição do Estado, de 1947, ficou assim redigido o art. 27: «O Poder Público Promoverá a Construção da Casa do Estudante».

Apenas demagogia e embromação. Inexplicavelmente tudo foi esquecido. O apoio prometido não apareceu, e a doação do terreno foi anulada para construção de uma praça. Assim a sabotagem à classe foi realizada, e o estudante bahiano, burlado, continua até hoje, a penar, a pedir, a lutar e a ser vencido pela displicência dos senhores do ensino.

Todavia a campanha não morreu. Em 1957, Milton Carvalho da Silva e Manoel Gomes São Mateus, respectivamente presidentes da UEB e ABES, reiniciaram o movimento com bastante confiança. Pediram a doação do terreno ao Prefeito Hélio Machado (há um ano), e solicitaram da Câmara Estadual a aprovação de um crédito para o início da construção. No entanto, prefeito e deputados continuam estudando o assunto...

Apesar do célebre artigo 27, os senhores governadores não se manifestam. Assim entraremos no vigésimo sétimo ano de luta.

O art. 1º dos Estatutos da Fundação da Casa do Estudante diz: «A Casa do Estudante da Bahia é uma fundação beneficente, cultural, que tem por finalidades prestar progressivamente, assistência social e econômica ao estudante, e promover por todos os meios o desenvolvimento da cultura no seio da classe».

Necessita-se, para isso, apenas de um terreno e de um crédito. A finalidade deveria ser motivo de atenção generalizada. Não pretendemos clubes ou locais de passeio. Queremos uma biblioteca, uma policlínica, uma cooperativa escolar, uma editora, um teatro e uma praça de esportes. Queremos um amparo a que temos direito. Como não nos apoiam, somos obrigados a uma luta pesada. Se houvesse boa vontade, tudo se consumaria. Porém, a onda de conformismo não permite uma realização de vulto. Aqui lançamos nosso protesto e nosso apêlo de união compacta de toda a classe, pela conquista de uma pretensão que já vem de outras gerações. Que as autoridades reconheçam as necessidades e ajudem o estudante. É muito fácil punir, reprovar, qualificar de jovem transviado; mas quando se trata de apoiar um movimento cultural, todos temem e se fecham em tôrre de marfim.

Esperamos menos conversa fiada e mais interêsse.



XILOGRAVURA DE ÇALASANS NETO



XILOGRAVURA DE CALASANS NETO

Poemas de Lina Gadêlha

Desejo

Ah! sim, meu Deus,
eu quero aprender
que rosa quer- dizer rosa,
velhinho fumando quer dizer
velhinho fumando,
estrêla quer dizer estrêla mesmo.

Eu quero ser sem vaidade
e ver as coisas
assim
como se estivesse ainda
no jardim de infância.

Meninice Comprida

Meu santo Antônio
magrinho
faminto
sofrido

1 de papel machucado,
você,
de olhar juvenil sonhando sacrifícios,
me faça também
pensar solidão
e não sofrer máu-olhado.

eu quero tanta coisa bonita
que nem sei
se terei côres bastantes dentro de mim
para pintar os meus sonhos.

2

— eu sou assim
como o menininho de cabelo arrepiado
subindo a ladeira
a chutar uma bola de jornal.

6 horas.
é uma hora tão menina
como a nossa primeira comunhão.
é é porisso
que eu vejo uma grandeza
de coisas boas

e invento
pra moça do rádio dizer

3

— ela
que não pode ser loura oxigenada —
um conto de palavras bonitas

assim:

mãezinha

céu

mar

anjinhos

Maria...

eu vou ser a noiva mais bonita
e amada.

— eu sei
que no altar

4

sorrirei como sorriem os anjos,
porque vou pensar em Mimi

em mãezinha

e nas conversas que tive com o mar
com o mar da minha infância.

perguntei a são João
onde escondeu a lua.
êle me sorriu
como se a gente tivesse roubado biscoito de Deus
e me ensinou
que a lua e o amor
sofrem fases.

5

mas
êle falou tanto
que eu dormi.
fiquei zangada com são João
porque me fez esquecida do balãozinho
do balãozinho verde
que não foi feito em casa
mas
comprado de um homem indiferente.

eu pedi
a nossa Senhora lá da parede
da sala grande
que me fizesse adulta
e muito bonita.
nossa Senhora esqueceu
de dar-me beleza.

6

quando chorei
ela me disse:
mas
tens coisa melhor
que é a tua meninice
e a tua mãezinha.
— e o que eu sinto
é ela não me ter explicado
que tudo passa.

quando eu fôr vovó
quero ser uma velhinha
bem risonha
de cabelos brancos
e espírito muito menino,
para continuar olhando o céu
e conversar com as estrêlas;
7. rezar para o Cristo da cruz de madeira
sentindo uma pena enorme de mim mesma.
eu sei que vou chorar
e
depois ficar mais risonha
de uma alegria tão grande
como
quando ganho presentes.



3 Elegias para a Hungria

PAULO GIL SOARES

I

Moço, levante e corra e grite:
Mataram homens livres na Hungria.
Diga que garrafa virou bomba,
Que ancinho furou cabeça,
Que machado cortou cara
Pois mataram criancinhas
(Sorriram na hora da morte,
Caminho florido, sem soldados
Sem armas,
Com música de asas em canto de pássaros)
Conte a todo mundo
Como morreu o herói
Que apodrece no jardim;
Como a mãe largou seu filho,
E com cuidado e seu fuzil
Deitada em cacos de vidros
Lutou em ruas queimadas.
Diga que moças donzelas
Foram defloradas por balas
(Geraram na hora da morte).
Cante em seu violão
Música de samba, acalanto,
O sangue quente dos heróis
Que derreteu tanque e canhão.
Moço, limpe os óculos,
Pegue o bonde que vem,
Conte ao povo do mundo
Que os heróis húngaros
Foram enterrados em parques
E jardins de Budapeste
E que seus corpos terão perfumes
Híbridos de paz e flores.

Acabou a colheita de flôres
 Na fumaça das chaminés.
 Só resta fuzil!
 O amor chegou por fim
 No riso da vendedora
 Vendedora de flôres
 Que
 Morreu
 Bombardeada;
 Com a presença de mãos mortas,
 De espaços de sangue,
 De olhar parado em lágrima petrificada de olho
 / morto.

Apenas um riso rasgou mordança
 E meninos mais velhos que meninos
 Montaram bicicleta em metralhadora
 E sorriam
 Quando atropelavam
 Transeuntes estrangeiros.
 Presença de amor no escrivão
 Que registrou com seu sangue
 No livro da luta
 O processo.
 A costureira enfia a agulha
 E borda heroísmo
 No olho do patriota.
 O poeta escreve com a baioneta
 Sua rima de mutilado: Perneta.
 A bala da irmã de caridade
 Grita alto: Liberdade!
 O amor entrou na cidade
 Montado num tanque de guerra.
 O povo quer a liberdade
 Para sua alma
 Sua gente
 E sua terra.
 As jovens colheram fuzís no campo
 E deram ramalhetes aos seus amados.

Nas ruas partidas
Presença de morte
E também paz
Irmã da que tenho no peito
Donde ninguém tirará
Nem com bala
Nem com ferro
Nem com faca ou veneno.
Ela é riso e sombra,
Cavalo de fôrça, sangue,
Baioneta e helicóptero,
Bala, canhão, destroier,
Pela paz que matou jovens
Que queriam
Pátria
Mãe
Acalanto.

III

O fuzil do soldado
Desabrochou em rosa de sangue
Depois de enxertado com bala.
O jardineiro achou bonita a flor;
Deu-lhe duas divisas,
Metralhadora de mão
Que lhe fez trazer
Um grande buquê
De sangue puro
De um jovem povo herói.
O jardineiro achou bonito o buquê
Deu-lhe outra divisa
E desta vez um canhão.
O canhão do sargento
Desabrochou num canteiro de sangue
E carne pôdre de mutilado
Que se rendeu.
O jardineiro achou bonito o canteiro;
Deu-lhe duas estrêlas,
Um revólver de ouro,
Visita a sua família.

Sua mãe deu-lhe três beijos,
Em sua casa chegado,
Que lhe lembrou coração,
Lágrimas de mãe chorando filhos
Livres na revolução,
Velho chorando sozinho
Olhos parados sangrando;
Crianças de órbita sem olhos
Querendo brincar de bola;
Mão decepada de moça
Tateando um canhão;
Foguete teleguiado
Destruindo tradição.
Coração bateu no peito,
Sua garganta apertou,
Coração bateu no peito,
Bala de ouro estourou.
O revólver de ouro do oficial
Desabrochou em rosa de sangue e remorso.
O jardineiro achou feia a flor.
Na ordem do dia
Seu nome desapareceu
Debaixo de um grande risco vermelho.



DOIS POEMAS DE SILVA DULTRA

Balada do Amor no Tempo

Invento o tempo que eu quero
muito maior do que a vida
que os anos todos se acabam
no mundo que eu quis te amar.
Andam passos na memória
e eu tanto tempo te espero
se não vens, estou perdido,
quanto tempo hei de gastar.

Estou sòzinho no tempo
e imaginei tanto sonho
que o amor extinto de volta
acaba por não gastar.
Os olhos de eternidade
vão me trazendo esperança
para levar a saudade
que leva o tempo de amar.

Canção só para Simone

Aqui eu navego
mas ventos concorrem
num tempo de idéia
cheio de surpresas.
Se choro, o mar cresce,
meu barco se afunda;
eu ainda estou vivo
mas morri no oceano.

Ondas passam tanto,
eu sou e não era
que agora me encontro
depois de um naufrágio.

E ponho no saco
restos de mim mesmo
e do alto do sonho
lanço o fardo às ondas!

Balada

J. C. TEIXEIRA GOMES

Buscar-te, sempre buscar-te
Em longínquos horizontes
Pisando a brancura das neves
E o sangue verde dos montes
Sentir tuas formas leves
Prêsas nas teias do além
Buscando-te como se busca
A expressão que não se tem
Persistir inda que os lírios
Sejam na noite colhidos
E as aves tragam no canto
Os sofrimentos perdidos
Ter sempre a lembrança exata
De que corres como as fontes
Que levam nas claras águas
A nostalgia das pontes.
Não sentir que a vida passa.
Buscar-te, apenas, buscar-te.
Alheio ao tempo a memória
Ocultar em alguma parte.
Ver murchar também as rosas.
Silenciar sem colhê-las.
Nem nos ouvidos sentir
O chamado das estrêlas.
Prostar-se no meio da vida
Na contradição de quem
Na busca que desvaria
Já não busca mais ninguém.
E repousar afinal
No doce pressentimento
De que és tão só a morte,
De que és tão só o vento.

Poema de Amor

ALBÉRICO MOTTA

I

Quando as metafísicas que roubei
Sorrirem, dõcilmente, para mim,
O mar devolverá as sereias
Douradas da lenda menina;
As estradas lamentarão os pés
Com lágrimas de seiva quente;
No rosto dos homens desesperados
As estrêlas acenderão sorrisos;
Os mortos enxugarão o pranto;
Os loucos perderão a razão
Que os guia em sua loucura
E a saliva afogará as palavras
Sem amor.

II

Sôbre o teu colo, mulher,
A noite deitará
E envelhecida se dirá,
Por tantas dores e pesares tantos.

III

Quando, das metafísicas que roubei,
O orvalho da aurora recém-nascida
Lavar o sangue velho das origens,
Os pássaros se cansarão do espaço
(Comerão em nossas mãos
E continuarão livres),
E dos róseos dêdos do dia
Correrão as horas sem amor.

Trinta Minutos de Paisagem

ZILMÉRICO RIBEIRO

Meu trem de ferro-poeta,
em duas linhas apenas,
escreve todo um poema
que recito com meus olhos,
quando viajo a beira-mar.
Há em meio a cada estrofe
exclamações de coqueiros
encharcados de luar !!

E em cada noite sem nuvens,
há reticências de estrêlas,
indicando que não finda
— no visível do horizonte —
a extensão do firmamento!
Há o orvalho que cintila,
como gotas de mercúrio,
nas palhas das bananeiras
decotadas pelo vento.

Meu trem de ferro-poeta
escreve estrêlas no azul...
escreve brisas macias
que sabem fazer carícias
sôbre as alvuras do mar!
Escreve as ondas na areia,
quando elas tentam, de um salto,
molhar de espuma — o luar!

Meu trem de ferro inspirado
transforma o tempo em paisagens,
transforma o espaço em poesia —
aos olhos indiferentes
dos passageiros que leva.
Ancora nas estações...
... para seguir com mais vida,
abalando na passagem
poeira de tanta treva!!

Notícias e Comentários

TEATRO

A — Cinquenta e seis valeu como um ano de lutas e primeiras conquistas do Teatro Amador na Bahia. Os principais grupos uniram-se em Federação e organizaram um festival, onde puderam mostrar uma aceitável iniciação cênica.

Creemos que a principal deficiência reside na ausência completa de encenadores, redundando, daí, um certo mal gosto na escolha dos textos e na encenação propriamente dita. Nota-se claramente uma pobreza de ritmo, falta de homogeneidade na marcação, altos e baixos que desequilibram os espetáculos. Embora alguns atores já tenham atingido um nível apreciável, como é o caso de Carlos Petrovitch, Antônio Pinto, Mário Gadelha, Mário Lobão, Jurema Pena, Lili Pita Lima, Nevolanda Amorim e Sônia dos Humildes, sente-se ainda uma enervante atmosfera de primarismo que reside, fundamentalmente, na incompetência dos diretores. Apesar do que se disse a respeito dos pernambucanos Clênio Wanderley e Oliveira, «A Grande Estiagem» de Gondim Filho e o «Sorriso da Gioconda» de Huxley, respectivamente, não satisfizeram à expectativa. Todavia foram as melhores encenações do ano, não obstante o que houve de condenável e digno de melhores soluções.

Esperamos dos amadores bahianos melhor escolha de textos, montagens mais cuidadas e inteligentes.

B — O sr. Walter Ruy lançou o Teatro de Arena «O Picadeiro» em casa do sr. José Martins Catarino. Foi levado à cena um texto fraco de Book Tarkington. O espetáculo sem valor sob o ponto de vista artístico, serviu como inovação e experiência bem sucedida. Tivemos os jovens Hircio Peixoto e Sônia Robato em momentos interessantes e agradáveis. Esperamos do sr. Diretor preferência futura por textos mais sérios. Que não desapareça «O Picadeiro». A Bahia, como São Paulo, precisa de um Teatro de Arena de verdade.

C — Prossegue o Curso de Teatro da Reitoria da Universidade da Bahia sob a orientação do sr. Martim Gonçalves. Foram encenados, além de um recital de poesia Portuguesa e Brasileira, o «Auto da Cananéia» de Gil Vicente, e «O Anúncio Feito a Maria» de Paul Claudel. Anuncia-se para este ano «Almanjarra», de Artur de Azevedo.

Devido ao apoio irrestrito que tem recebido do «Magnífico Reitor», o sr. Martim encontra-se culturalmente comprometido com a Bahia que tão bem o acolheu, tendo, por tais motivos, obrigação seríssima de legar uma contribuição à altura de seus talentos.

D — A Hora da Criança e seu teatro infantil, sob a orientação de Adroaldo Ribeiro Costa, prossegue na missão de desenvolver as apti-

ções artísticas da criança, educando-a com amor e dedicação. O ano passado tivemos «Monetinho» e «Narizinho», dois espetáculos de grande beleza. Para este ano «Timide» marcará mais uma vitória de Adroaldo, o maestro Gomes, e de toda a equipe.

L I T E R A T U R A

A — Reeditou a «Progresso» o ensaio de A. L. Machado Neto, «Dois Aspectos da Sociologia do Conhecimento: Marx e Manheim». Neste trabalho, situa o jovem intelectual problemas capitais de nossa época, num estudo a que não faltaram erudição e inteligência, qualidades que têm caracterizado o autor. Também foi editado o livro «Sociedade e Direito», tese de concurso à docência de Introdução à Ciência do Direito.

B — Editado pela «Progresso», tivemos o ensaio crítico de Aldamir da Cunha Miranda, «A Vigésima Quinta Hora — O Falso Apóstolo». Obra de exegese sobre o famoso livro de Virgil Gheorghiu, que significou uma importante contribuição cultural.

C — Moniz Bandeira publicou «Verticais», poemas de estreia, através do Ministério da Educação. Livro irregular, pecando pelo teor sincrético de poesia participante e lírica. No futuro o poeta deve cuidar da devida seleção e filtração de seus poemas.

D — Thelmo Padilha publicou seu livro de estreia «Girasol do Espanto», revelando imaturidade e uma certa confusão provocada pelo excessivo cerebralismo. O poeta não consegue comunicar ao leitor a sua poesia. Esperamos melhores coisas.

E — Com texto de José Pedreira, publicou o gravador Hansen, «Flôr de São Miguel», interpretação plástica de trechos do «mangue» bahiano. Livro grãficamente mal realizado, que despertou o interesse e aceitação de público e crítica.

F — Publicou a «Rex Editora», em sua coletânea de poesia, o livro «Colheita» de Abel Pereira. Todo construído à base de uma linguagem simples, com o grande mérito de ser o primeiro no Brasil a utilizar, em livro, a forma japonesa do hai-kai.

G — Publicou o poeta conquistense, Jesus Gomes dos Santos, seu livro de sonetos «Rosa dos Ventos». Uma boa estreia, prejudicada, às vezes, por algumas infelizes soluções de forma.

H — Anuncia-se, para breve, o livro de estreia do jovem poeta Frederico de Souza Castro, «Samba de Roda», com xilogravuras de Calazans Neto. MAPA deseja ao poeta um lançamento e um sucesso que correspondam às suas qualidades.

A R T E S P L A S T I C A S

A — Salão Bahiano de Belas Artes — Local: Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia. Divisões: Geral e Moderna, totalizan-

do um número de cento e oitenta e um trabalhos de diversos artistas plásticos da Bahia e de outros estados. Patrocínio: Secretaria de Educação e Cultura. Trabalhos premiados: Divisão geral — Pinturas: Ouro — Emílio Magalhães (Bahia), Prata — Mário Machado Portela (Rio). Escultura: Prata — Adolf August (Bahia), Bronze — Adele Salgado Góes (Bahia). Divisão de Arte Moderna — Pintura: Ouro — Jenner Augusto (Bahia), Prata — Frank Schaeffer (Rio), Bronze — Walter Levy (São Paulo). Escultura: Ouro — Mirabeau Sampaio (Bahia), Prata — Agnaldo dos Santos (Bahia). Prêmio Universidade da Bahia: Divisão geral — Raymundo Chaves Aguiar. Divisão moderna — João Quaglia. Menções honrosas — Yêda Maria, Sante Scaldaferrri, Carlos Augusto Bandeira, Liana Silveira, Raymundo Oliveira, José do Dome, Odete Valente e outros.

B — **Exposição Niobe Xandô** — Artista paulista que pela primeira vez expôs na Bahia. Alcançou o devido sucesso com sua técnica e estranheza. Trabalhos que a Bahia gostou de ver e aplaudir.

C — **Exposição João Quaglia** — O jovem artista bahiano que expôs na Galeria Oxumarê, é uma afirmativa de artesanato e seriedade. Parabens de MAPA ao excelente Quaglia.

D — **Exposição em Homenagem ao 5º Aniversário da Galeria Oxumarê** — Organizada por Rubem Valentim, tivemos uma mostra do que faz de moderno na Bahia. O momento foi por demais oportuno, como preito de gratidão a essa Galeria que tão bem recebe os amigos, servindo também para reunir e mostrar os valores positivos.

E — **Exposição Sante Scaldaferrri** — Na Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia, expôs o jovem Scaldaferrri um documentário sincero e pessoal de viagens feitas pelo recôncavo bahiano. Quadros a óleo, desenhos, todo um conjunto de nossas cidades com seus casarios antigos, além de um excelente mural. Encontramos o artista em toda a elaboração de sua sensibilidade, disperso e integrado nas paisagens que viveu e amou.

F — **Primeiro Salão Infantil de Artes Plásticas** — Realizou-se mais uma luta vencida por Adroaldo Ribeiro Costa, no sentido de mostrar o que a criança pode fazer com apoio, incentivo e modernos métodos de educação. Vimos, maravilhados, borrões coloridos, desenhos ingênuos e sinceros, óleos dispersos que compuseram uma estranha e pura Galeria da meninada bahiana. MAPA congratula-se mais uma vez com Adroaldo.

MÚSICA

A — A Sociedade de Cultura Artística da Bahia (SCAB) orientada por D. Alexandrina Ramalho, a Escola de Música dirigida pelo prof. Paulo Jatobá, e a Escola de Música da Universidade da Bahia dirigida pelo Maestro Koellreuter, representam na Bahia o que existe em matéria de desenvolvimento da cultura musical.

Funcionando regularmente, ensinando, aperfeiçoando e difundindo, as três entidades merecem louvores.

B — A SCAB apresentou na temporada de 56 entre outros nomes de valor os pianistas Jaques Klein, Friedrich Gulda, Rudolf Firkusny, Louis Kentner e Isabel Mourão; as cantoras Glória Davy, Zara Dolujanova; o violinista Isaac Stern; o Quarteto de Budapest, a Orquestra de Câmara de Berlim; o Quinteto de Sopros de New York; as Marionetas de Salzburgo e a Dupla de Bailarinos Tamara Toumanova e Wladimir Oukhtomsky, espetáculos que proporcionaram ao público da província alguns momentos de irresistível beleza. Já em 57 assistimos, entre outros, os Meninos Cantores de Viena, os bailarinos Istvan Rabovsky e Nora Kovach.

Congratulações de MAPA a D. Alexandrina Ramalho pelo magnífico trabalho desenvolvido.

C — O «Grupo Experimental de Ópera», realização de Paulo Jatobá, apresentou de Mascagni «Cavalleria Rusticana», em um empreendimento que a Bahia assistiu com muita simpatia e aceitação. Tivemos algumas noites de Teatro Guarany, cheio de gente que aplaudia o trabalho difícil, mas bem executado.

A direção de cena foi de Giovanni Faini, e a regência do maestro Mário de Bruno, do Teatro Municipal. Funcionou muito bem o coro de 60 vozes, ficando os principais papeis com: Edmundo Costa Lima, Deodato Madureira, Lúcia Machado de Mello, Magna Enderlein e Ana Luiza Benjamin.

D — Tem sido de grande importância cultural para a Bahia os concertos realizados pela Orquestra da Universidade, sob a regência do maestro Koellreuter, executando sempre um repertório de elevada categoria artística.

CINEMA

O Clube de Cinema da Bahia continua com as suas exibições regulares. Obras de renome internacional, como, por exemplo, «Achtung, Banditti!» (de Carlo Lizzani), «Orfeu» (de Jean Cocteau), «As Férias de M. Hulot» (de Jacques Tati) foram apresentadas ao público bahiano, que, graças à dedicação do dr. Walter da Silveira, tem oportunidade de tomar contacto com os clássicos do cinema.

Editorial

Aqui está o nosso esforço. Somos mocidade que tem coragem, idéias e ideais impressos em tipos e papel. Todos precisam entender a extensão da nossa subida. Quase o impossível, o milagre, passe de mágica, tivemos que usar para atingir o objetivo.

MAPA é um sonho acalentado em salas e corredores. MAPA é trecho de vida, que deverá permanecer e frutificar. Queremos as gerações passando por estas páginas, queremos falar do presente como é, e do futuro quando chegar. Ambos, presente e futuro, devem entregar tudo de si através do pensamento moço. O jovem tem um destino, tem uma bandeira não para carregar em desfile patriótico, e sim para abrir ao vento e ficar alerta. Cantaremos o hino escutando o inimigo. Semearemos a terra matando a erva má.

MAPA é uma afirmação do que somos. Mocidade voltada para problemas de arte, e que não deixa de conhecer os interesses do Brasil. Se na hora for necessário um grito de abaixo, saberemos como dá-lo. As esperanças estão voltadas para nós. Só nos resta continuar o caminho aberto para uma pátria livre dos abraços interesseiros. Este é o nosso objetivo e para isto estamos em MAPA, esperando o momento, unidos, irmãos, e cheios de confiança no futuro.

Apesar desta confiança, a nossa sobrevivência como revista depende de muita coisa. Depende de você, das autoridades, de compreensão e ajuda. Não podemos ficar no primeiro número; é preciso uma afirmativa sempre presente de que estaremos aqui por muito tempo.

Na Bahia existe uma carência de revistas. Terra completamente muda e alheia, sem o brilhantismo que sempre a caracterizou. Não seremos nós, os responsáveis por um soerguimento. Talvez MAPA sirva de exemplo, sirva para ferir o amor próprio daqueles que se acomodam num provincianismo acanhado e tolo.

Somos juventude prestes a adquirir consciência e integração na vida. É preciso um entendimento geral do povo de nossa terra, uma ajuda moral, para que possamos vencer em nossos propósitos. — A REDAÇÃO.

Associação Bahiana dos Estudantes Secundários

- Presidente — Manoel Gomes São Mateus
- Sec. Geral — Paulo Murillo de Souza Castro
- Sec. Cultura — José da Silva Dultra
- Sec. Intercâmbio — Jarbas Santana
- Sec. Esportes — Wilson Prebeck
- Sec. Social — Luiz Sampaio

PRECISAMOS DESCOBRIR O BRASIL!
ESCONDIDO ATRAS DAS FLORESTAS,
COM A AGUA DOS RIOS NO MEIO,
O BRASIL ESTA DORMINDO, COITADO.
PRECISAMOS COLONIZAR O BRASIL.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE em "*Hino Nacional*"

ENQUANTO ISSO OS SABICHÕES DISCUTEM
SI DOCE-DE-ABÓBORA NAO DA CHUMBO PRA CANHAO.

MARIO DE ANDRADE em "*O Carro da Miséria*"